

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

LA TRILOGIE DES DRAGONS

A TRILOGIA
DOS DRAGÕES

CCB



sinopse

A Trilogia dos Dragões fala de uma China imaginária, que se desenhava na cabeça de duas meninas dos anos trinta educadas no ambiente misterioso do bairro chinês do Quebeque, hoje desaparecido. Uma das raparigas, a única personagem que terá contacto com todas as partes da peça, iniciava o espectáculo com algumas palavras que anunciavam, em simultâneo, os limites e o interesse do projecto: “Nunca fui à China...”

No início, não havia nada, ou quase nada. Seis actores, o encenador que os escolheu, dois cenógrafos e um produtor, que procuram a rota do Oriente. Um terreno vazio que se tornou num parque de estacionamento, onde a imaginação e a memória se deveriam aprofundar.

No início, havia três bairros chineses: o de Quebeque, nos anos trinta, que iria servir de pano de fundo ao dragão verde, primaveril, aquático; o de Toronto, próspero nos anos cinquenta, decoração do dragão vermelho, de terra e de fogo; o de Vancôver, dos anos oitenta, florescente, onde se estende o dragão branco, outonal e aéreo. Existia a China imaginária, do mito e do comércio, Tintim e o lótus azul, *Tao, Yi King, mah jong, tai chi*, lavandarias e comida chinesa, *yin, yang, riquexó, chin chin e made in Hong Kong*. Havia a história da tia Marie-Paule casada com um chinês, a mãe nos CWAC (Canadian Women's Army Corps), o guarda do parque de estacionamento e a sua cabana, e uma bola de vidro que tocava uma música japonesa.

No início, havia Françoise e Jeanne. Têm doze anos, e são inseparáveis. Brincam na loja com caixas de sapatos, recriando a Rua St-Joseph e as suas lojas. Havia Lépine o gato-pingado... Havia a barbearia do pai de Jeanne, onde ela cruza olhares com Bédard, cujos cabelos ruivos a fascina... Havia a lavandaria do velho Wong, onde chegou, numa noite fresca, William S. Crawford, vindo de Inglaterra na esperança de instalar o seu negócio no Quebeque...

Talvez se descubra nesta peça uma nova resposta para a pergunta feita tantas vezes, entre o fumo do ópio, o *tai chi* e os cânticos maoístas:
Então, com que é que sonha o chinês da lavandaria do bairro chinês de Saint-Roché?

A Trilogia dos Dragões, Grande Prémio do Festival de Teatro das Américas em 1987, já foi apresentada em mais de quarenta cidades da América do Norte, Europa e Oceânia, entre 1985 e 1992.

LA TRILOGIE DES DRAGONS (A TRILOGIA DOS DRAGÕES)

12.13.14.16.17 OUTUBRO 2007

12.16.17 >18H30 / 13.14 >16H / M/ 16 ANOS

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO

DURAÇÃO APROXIMADA 6 HORAS C/ 3 INTERVALOS
CO-APRESENTAÇÃO CCB / ROBERT LEPAGE / EXMACHINA
LEGENDADO EM PORTUGUÊS



TEXTO

MARIE BRASSARD
JEAN CASAUULT
LORRAINE CÔTÉ
MARIE GIGNAC
ROBERT LEPAGE
MARIE MICHAUD

ENCENAÇÃO

ROBERT LEPAGE

ASSISTÊNCIA DRAMATÚRGICA

MARIE GIGNAC

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

FÉLIX DAGENAIS

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

(VERSÃO ORIGINAL) PHILIPPE SOLDEVILA

INTERPRETAÇÃO

SYLVIE CANTIN

Uma velha chinesa, Stella, Irmã Marie-de-la-Grâce

JEAN ANTOINE CHAREST

Morin o Barbeiro, oficial americano,
enfermeiro e outros

SIMONE CHARTRAND

Françoise e outras

HUGUES FRENETTE

Bédard, Lépine o Gato-pingado, Pierre Lamontagne

TONY GUILFOYLE

Crawford, o médico

ÉRIC LEBLANC

O velho chinês, Lee Wong, o piloto e outros

VÉRONIKA MAKDISSI-WARREN

Jeanne e outras

EMILY SHELTON

Uma velha chinesa, Yukali (3 gerações)

MÚSICA ORIGINAL

ROBERT CAUX

ASSISTÊNCIA E ARRANJOS

JEAN-SÉBASTIEN CÔTÉ

INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA

MARTIN GAUTHIER

CENOGRAFIA ORIGINAL

JEAN FRANÇOIS COUTURE, GILLES DUBÉ

ASSISTENTE DE CENOGRAFIA E DE ADEREÇOS

VANO HOTTON

ASSISTENTE DE ADEREÇOS

MARIE-FRANCE LARIVIÈRE

DESENHO DE LUZ

SONOYO NISHIKAWA

DESENHO ORIGINAL DE LUZ

LOUIS-MARIE LAVOIE, LUCIE BAZZO

FIGURINISTA

MARIE-CHANTALE VAILLANCOURT

ASSISTENTE DA FIGURINISTA

SYLVIE COURBRON

MULTIMÉDIA

JACQUES COLLIN

CRIAÇÃO DE IMAGENS

LIONÉL ARNOULD

AGENTE DO ENCENADOR

LYNDA BEAULIEU

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO E DE DIGRESSÃO

LOUISÉ ROUSSEL

ADJUNTA DE PRODUÇÃO

MARIE-PIERRE GAGNÉ

PRODUÇÃO

EX MACHINA

DIRECÇÃO TÉCNICA

SERGE CÔTÉ

DIRECÇÃO TÉCNICA (DIGRESSÃO)

PATRICK DURNIN

DIRECÇÃO DE CENA

ANNIE PILON

OPERAÇÃO DE LUZ

DOMINIC MINGUY-JEAN

OPERAÇÃO DE SOM E VÍDEO

CLAUDE CYR

RESPONSÁVEL POR GUARDA-ROUPA E ADEREÇOS

MARIE-FRANCE LARIVIÈRE

CHEFE MAQUINISTA

PAUL BOURQUE

ASSISTENTE DA RESPONSÁVEL DOS FIGURINOS E ADEREÇOS

SYLVIE COURBRON

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO

CLAUDIA COUTURE

CONSULTOR TÉCNICO

TOBIE HORSWILL

CONCEPÇÃO DE FIGURINOS

NICOLE GADOURY, VALÉRIE COUTURE,
STÉBAN SANFAÇON

REALIZAÇÃO DE PERUCAS E POSTIÇOS

JOËLLE MONTY, RICHARD HANSON,
RACHEL TREMBLAY

CONSULTOR PARA O MOVIMENTO

HAROLD RHÉAUME

CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO

LES CONCEPTIONS VISUELLES JEAN-MARC CYR

MÚSICA ADICIONAL

YOUKALI/ Música de KURT WEILL,
textos de ROGER FERNAY

Obra utilizada com a autorização da European
American Music Corporation, agente para The Kurt
Weill Foundation for Music, Inc. e Heugel S.A.

IMAGENS DO ESPECTÁCULO DO EXÉRCITO CANADIANO

FOX MOVIEONEWS, INC.

TRADUÇÃO PARA CANTONÊS

TRUONG CHANH TRUNG

FOTOGRAFIAS

© ÉRICK LABBÉ



LA TRILOGIE DES DRAGONS (A TRILOGIA DOS DRAGÕES)

Apresentada na sua versão integral de seis horas, no circuito do Festival de Teatro das Américas de 1987, no hangar número 9 de Vieux Port de Montreal, **A Trilogia dos Dragões** suscita um momento raro de deslumbramento. Este espectáculo já deu a volta ao mundo e projectou o criador e encenador Robert Lepage para os grandes palcos mundiais.

O regresso de Lepage ao antigo jardim Zen da sua peça seminal, sugere a sua forma peculiar de conceber uma peça sobre a memória e a transmissão, um momento para nos dar prazer. Remexe, então, as pedras, para que a magia que se desprende da folhagem, com o perfume do Oriente e do Ocidente, irrompa arrebatadamente. Assistido por uma nova equipa de actores e de *designers*, Lepage reconstitui os cenários, dando-lhes a forma de uma antiga oficina de caminhos-de-ferro. Num enorme rectângulo de areia e cascalho, situado num parque de estacionamento no meio do nada e apenas iluminado pela claridade nocturna, Jeanne e Françoise reencarnam os personagens principais desta saga, em torno da qual gravitam figuras inesquecíveis: Crawford, Lee Wong, Bédard, Morin, Stella, Irmã Marie-de-la-Grâce, Yukali, Pierre, entre muitas outras.

UMA VALSA NUM BERÇO

Esta fabulosa saga tem a estrutura de uma valsa a três tempos, assinalando a Primavera, o Outono e o Inverno. No primeiro tempo, uma valsa de inocência, de premonições e de destinos em declínio. No segundo tempo, uma valsa de guerra, de viagens e de progresso. No terceiro tempo, uma valsa de morte e de renascimento. Esta longa dança migratória viaja entre a Ásia e o Ocidente até às portas do Oriente, levando-nos através de três bairros chineses: Quebeque, Toronto e Vancôver, passando por Hong Kong, Inglaterra, Tóquio, Hiroxima, e a China maoísta, perseguindo na trajectória do cometa Halley, os percursos de vida projectados na História universal, entre 1910 e 1985.

Movidos por um fluxo de energia vital, os personagens revelam a sua vida através dos sulcos cavados por uma trama imaginária mal

explorada, ligados ao refluxo do Ocidente — Oriente. Na abertura da peça, três vezes na sombra, com sonoridades familiares e desconhecidas, vozes de mulheres e de homens articuladas, convidam-nos a embarcar numa viagem: “Nunca fui à China. Quando ra pequeno, havia casas aqui. Aqui era o bairro chinês. Se esgravatares o chão com as unhas encontrarás água e óleo de motor. Se escavares mais fundo, é provável que encontres pedaços de porcelana e de jade e as fundações das famílias chinesas que ali viveram. Se escavares ainda mais fundo, chegarás à China.”

A MAGIA DO IMPALPÁVEL

No palco de **A Trilogia dos Dragões**, o movimento é cíclico, marcado por uma dinâmica ternária, quebrando a lógica da oposição binária entre o mito e a realidade, o corpo e o espírito, a intuição e a razão, a interioridade

e a exterioridade, o sublime e o trivial, o trágico e o cómico. A obra materializa-se através de impulsos, de sensações sugestivas, de condensações temáticas e metafóricas. A dança, o gesto, a palavra, os objectos e a acção formam um *corpus*, estimulam esta conspiração poética de falas, de linguagens, de códigos, de referências e de citações, de respirações íntimas daqueles seres que habitam, vivem e morrem nos corpos dos actores. O que nos é dado a ver são cenas representadas simultaneamente no espaço-tempo de uma canção, abraçando o Quebeque, Toronto, Tóquio e uma base militar na Inglaterra; sequências montadas em contraponto dentro de uma narrativa que é comentada; partituras dançadas, reunindo a acção através de movimentos de *tai chi* e passos de tango; metáforas inseridas na trama anedótica; rupturas de tons e de ritmos que relançam o movimento nas suas oscilações entre o humor e a seriedade, a emoção e a contenção.

TRÊS DRAGÕES NUM RECTÂNGULO DE AREIA

Vários exemplos para descrever a forma harmoniosa da escrita, o seu tecido orgânico, urdido e bordado com múltiplos elementos: caixas de sapatos, sapatos, patins, panos, fósforos, uma bicicleta, uma cadeira rolante, um riquexó, lâmpadas eléctricas, pincéis, telas e uma bola de vidro; fatos e perucas. Personagens e actores que recriam o mundo num rectângulo de areia organizado pela luz, pela música, por coreografias, por imagens projectadas num ecrã de publicidade. Robert Lepage põe em cena o teatro do duplo^[1], projectando a sua saga de vida, de morte e de transformação incessante, através de um foco de luz que transporta os personagens e os espectadores para uma China imaginária. O que os espectadores e um colectivo de actores, lançados em 1985 numa operação de pesquisa arqueológica e imaginária trazem consigo, é esvaziado num parque de esta-

cionamento do bairro Saint Roch do Quebeque, local outrora ocupado por uma comunidade chinesa.

Cada detalhe de **A Trilogia dos Dragões** contém todo o espectáculo, reproduzindo o princípio do holograma. Os setenta e cinco anos de vida e as dezenas de vidas que se sucedem ao longo de três gerações depositar-se-ão numa galeria de arte em Vancôver. O terceiro e último movimento da valsa dos dragões acompanha duas jovens artistas, filhas da terceira geração de migrantes e de mestiçagem, numa reflexão sobre a arte e a criação, numa luta constante entre o impulso de vida e a morte, entre a interioridade e a exterioridade, entre a vontade e a alma, entre o visível e o invisível.

Neste teatro-instalação onde os personagens da saga vêm morrer, vê-se o Oriente e o Ocidente a reflectir-se no mar do Pacífico, aldeões chineses a celebrar o ano do dragão, Pierre e Yukali a fazer amor num jardim Zen, guardado por três dragões que repousam num leito de estrelas. Ao mesmo tempo, um piloto da Air France mergulha na noite entre Vancôver e o Japão, a cabeça de Stella fere o metal, Françoise enterra uma bola de vidro, Crawford volta a Hong Kong pela chaminé. Um velho vigia sai da sua guarita e recolhe a bola de vidro, artefacto de uma representação que se extingue.

Antonin Artaud dizia que o teatro era oriental, Ariane Mnouchkine referia-se ao Oriente como o local onde qualquer artista ocidental deve regressar se quiser recuperar o corpo e a carne do teatro. Em **A Trilogia dos Dragões**, Robert Lepage põe em cena o teatro do duplo. Ocidente e Oriente olham-se, à noite, no espelho do Pacífico.

LORRAINE HÉBERT

NO PROGRAMA DO FESTIVAL DE THÉÂTRE DES AMÉRIQUES

TRADUÇÃO MAFALDA MELO SOUSA

[1] NOTA DA TRADUTORA: Conceito desenvolvido pelo dramaturgo Antonin Artaud em o “O Teatro e o seu Duplo” (*Le Théâtre et son Double*, 1935), considerado um dos livros mais influentes do teatro do século XX. Robert Lepage incorpora esta linguagem, dando-lhe corpo nas suas peças: Em **A Trilogia dos Dragões**, esta fórmula está novamente presente.



ROBERT LEPAGE

Homem do teatro, Robert Lepage exerce com igual mestria as funções de encenador, cenógrafo, dramaturgo, actor e realizador. Reconhecido pela crítica mundial, cria e leva a palco obras originais que subvertem as regras de realização teatral clássica, nomeadamente pela utilização de novas técnicas. Inspira-se na história contemporânea e a sua obra, inovadora e insólita, transcende fronteiras.

Nasceu no Quebeque em 1957. Muito cedo, descobriu a paixão pela geografia e, atraído por todas as formas de arte, vem a interessar-se pelo teatro. Em 1975, então com 17 anos, entra no Conservatório de Arte Dramática do Quebeque. Em 1978, faz um estágio em Paris e no regresso participa em diversas criações onde acumula os papéis de actor, autor e encenador. Dois anos mais tarde, ingressa no Théâtre Repère (Quebeque).

Em 1984, criou a peça **Circulations**, apresentada por todo o Canadá, e que recebeu o prémio de melhor produção canadiana, no âmbito da Quinzena Internacional de Teatro do Quebeque. No ano seguinte criou **La Trilogie des Dragons** (A Trilogia dos Dragões), espectáculo que teve um grande reconhecimento internacional. Seguiram-se as peças **Vinci** (1986), **Le Polygraphe** (1987) e **Les Plaques tectoniques** (1988). Em 1988, fundou a sua própria sociedade de gestão profissional, Robert Lepage inc. (RLI).

De 1989 a 1993, ocupou o cargo de director artístico do Teatro Francês do Centro Nacional das Artes em Otava. Paralelamente a esta nova função, prosseguiu a sua carreira artística apresentando **Les Aiguilles et l'opium** (1991-1993/1994-1996), **Coriolan**, **Macbeth**, **La Tempête** (1992-1994) e **A Midsummer Night's Dream** (1992), peça que lhe permitiu tornar-se o primeiro norte-americano a dirigir uma peça de Shakespeare no Royal National Theatre de Londres.

O ano de 1994 marca uma etapa determinante na carreira de Robert Lepage com a fundação de uma companhia multidisciplinar, Le Projet ExMachina, da qual é director artístico. Esta nova equipa apresentou ininterruptamente **Les Sept Branches de La rivière Ota** (1994), **Le Songe d'une nuit d'été** (1995), bem como o espectáculo a solo **Elseneur** (1995-1997). Ainda em 1994, aborda pela primeira vez o cinema fazendo os cenários e realizando a longa-metragem **Le Confessionnal**, apresentado no ano seguinte na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes. Em seguida, realizou **Le Polygraphe** (1996), **Nô** (1997), **Possible Worlds** (2000), uma primeira longa-metragem em inglês (versão original) e, por fim, em 2003, a adaptação para cinema da sua peça **La Face cachée de la Lune**.

Foi com o seu incentivo que o centro de produção pluridisciplinar a Caserne nasceu em Junho de 1997, no Quebeque. Nestes novos espaços, Robert Lepage e a sua equipa criaram e produziram **La Géométrie des miracles** (1998), **Zulu Time** (1999), **La Face cachée de la Lune** (2000), **La Casa Azul** (2001), **The Busker's Opera** (2004), uma nova versão de **La Trilogie des Dragons** com novos actores (2003), ópera **1984** baseada no romance de Georges Orwell, com direcção musical do maestro Lorin Maazel (2005), **Le Projet Andersen** (2005), **Lipsynch** (2007) e **The Rake's Progress**, ópera de Igor Stravinsky apresentada no Théâtre Royal de la Monnaie de Bruxelas, em Abril de 2007.

Como consequência do êxito que obteve, recebeu numerosos convites que lhe permitiram aplicar os seus conhecimentos artísticos noutras áreas. Foi com sucesso que encenou as óperas **Le Château**

de **Barbe-Bleue** e **Erwartung** (1992). Em 1993, assinou a encenação da digressão mundial do espectáculo de Peter Gabriel, **The Secret World Tour**. Voltou à cena lírica assegurando a encenação de **La Damnation de Faust** no Japão, em 1999, e posteriormente em Paris em 2001, 2004 e 2006. Em 2000, participou na exposição **Métissages** no Museu da Civilização do Quebec. Em 2002, de novo com Peter Gabriel, encenou o espectáculo **Growing Up Live**. Em Fevereiro de 2005, apresentou **KÅ**, um espectáculo do Cirque du Soleil em permanência em Las Vegas, do qual foi o criador e encenador.

A obra de Robert Lepage foi coroada de numerosos prémios. Entre os mais prestigiados destacam-se, em 1999, la Médaille des Officiers de l'Ordre National du Québec. Em Setembro de 2000, recebeu o Prémio de La SORIQ (Sociedade das Relações Internacionais do Quebec), pelo êxito alcançado fora do Quebec. Em Outubro de 2001, foi galardoado pela Associação dos World Leaders no Harbourfront Centre, o que sublinha uma vez mais a dimensão da sua carreira internacional. Em 2002, a França presta-lhe homenagem concedendo-lhe a Legião de Honra. Foi nomeado Grand Québécois pela Câmara do Comércio do Quebec e recebeu o Herbert Whittaker Drama Bench Award pela sua excepcional contribuição para o teatro canadiano. No ano seguinte, recebeu o prémio Denise-Pelletier, a mais alta distinção concedida pelo governo do Quebec no domínio das artes do palco, bem como o prémio Gascon-Thomas concedido pela Escola Nacional de Teatro. Em 2004 foi-lhe atribuído o Prémio Hans-Christian-Andersen confiado a um artista excepcional que contribuiu para honrar internacionalmente o nome de Hans Christian Andersen. Em 2005, recebeu o prémio Samuel-de-Champlain concedido pelo Institut France-Canada pela sua contribuição para a cultura francesa, e o prémio Stanislavski pela sua contribuição para o teatro internacional e os êxitos obtidos nas produções **La Trilogie des Dragons** (A Trilogia dos Dragões), **Les Sept Branches de la rivière Ota** e **The Busker's Opera**. Em 2007, o Festival de l'Union des Théâtres de l'Europe concedeu-lhe o prestigiado prémio Europe, anteriormente atribuído a Ariane Mnouchkine e a Bob Wilson.



CCB Conselho de Administração: António Mesga Ferreira [PRESIDENTE] Ana Isabel Trigo Morais [VOGAL] Margarida Veiga [VOGAL]

Centro de Espectáculos: DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS: Miguel I Leal | Coelho Adjunta para a Programação: Luísa Taveira | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO: Anabela Borges | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO: Carla Ruiz | PRODUÇÃO: Paulo Barbosa, João Oliveira, Inês Correia, Patrícia Silva | SECRETARIADO DE PRODUÇÃO: Maria Rodrigues | DIRECTOR DE CENA: Rosário Vale | DIRECÇÃO DE CENA: Jonas Omberg, José Valério, Pedro Rodrigues e Patrícia Costa | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA: Luísa Inês Fernandes | DIRECTOR TÉCNICO: Paulo Graça | DIRECTOR TÉCNICO-ADJUNTO: João Garrido | ASSISTENTE DE DIRECÇÃO TÉCNICA: Rui Marcelino | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA: Sofia Matos | CHEFE TÉCNICO: Siamanto | SMALLY: Miguel Abelho, Pedro Campos | PRIMEIRO TÉCNICO DE PALCO: Luís O. Santos, Raul Seguro | SEGUNDO TÉCNICO DE PALCO: Artur Brandão, Fernando Marques, F. Cândido Santos, José Carlos Alves, José Carlos Martins, Mário Silva, Nicolau Nunes, Paulo J. Rodrigues, Rui Croca, Vítor Pinto, César Nunes, Hugo Campos, Ricardo Melo, Rodrigo Oliveira | PRIMEIRO TÉCNICO DE OFICINA DE MANUTENÇÃO: J. Paulo Santana | SEGUNDO TÉCNICO DE OFICINA DE MANUTENÇÃO: Luís Teixeira, Vítor Horta | CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS: Nuno Grácio | TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS: Rui Leitão, Luís Garcia Santos, Paulo Cacheiro, Nuno Bizarro, Eduardo Nascimento | ESTAGIÁRIO: Nuno Ramos

www.ccb.pt

com o apoio da

SIC
NOTÍCIAS

